

O MODO COMO VIVEMOS NÃO É IRREMEDIÁVEL!

Torna-se hoje cada vez mais visível que conciliar a vida familiar e privada com a vida profissional e pública é uma questão-chave para a organização da sociedade em termos mais justos e é condição essencial à realização de uma democracia verdadeira.

Por quantos e quantas de nós a compatibilização das responsabilidades familiares e das responsabilidades profissionais é uma preocupação constante, um esforço repetido dia a dia, tão desgastante que quase apagou em nós o desejo de mudança?

Será suficiente aplicar meras soluções a uma organização social predeterminada, configurada mais a partir do possível do que do desejável, ou será de pôr em causa o próprio modelo de sociedade a que chegámos?

É indispensável mudar a forma como pensamos e questionar a forma como vivemos.

Não será de nos interrogarmos sobre o facto, tão comum, de os homens se sentirem obrigados a construir toda a sua vida em torno da profissão e de as mulheres sentirem que são as únicas a terem competência para cuidar da família?

Não haverá alternativas para uma vivência quotidiana que sobrevaloriza o emprego e desvaloriza a vida familiar e o lado privado da vida, implicando um défice de ternura para os homens e de margem de intervenção para as mulheres?

Não será de questionar a aceitação tácita de um contrato social que atribua aos homens as responsabilidades da esfera pública e às mulheres as obrigações da esfera privada?

É indispensável continuar a questionar os papéis sociais tradicionalmente atribuídos aos homens e às mulheres.

Por que não rever e reorganizar as nossas vidas em função da partilha real entre mulheres e homens na vida familiar e doméstica, na vida profissional, cívica e política?

Será que as opções familiares têm que implicar, para as mulheres, um absentismo forçado, a privação de um percurso profissional regular e do acesso a postos de responsabilidade?

Será que as opções profissionais têm que implicar, para os homens, a privação do acompanhamento dos filhos, em fases decisivas do seu crescimento, e a ausência da responsabilidade pelas tarefas domésticas?

Por que não ousar questionar a própria atribuição de papeis, considerando as múltiplas fases ao longo da vida, o respeito pelos talentos e preferências de cada um, a enorme diversidade entre as pessoas?

É indispensável para todos iguais oportunidades de participação na vida pública e na vida privada.

Será inquestionável o modelo actual de organização do trabalho que afinal desorganiza as nossas vidas sacrificando a família e o lazer para garantir o emprego?

Será inevitável excluir as próprias pessoas privando-as de emprego e rendimento, de um espaço significativo de interacção social, de auto-estima e de dignidade?

Será de aceitar que as mulheres sejam sujeitas no mundo do trabalho a atitudes discriminatórias de ingerência na sua vida pessoal e familiar, tantas vezes forçadas a adiar a maternidade por causa dos condicionalismos que o sistema lhes impõe?

Por que continuar a aceitar uma ideia de trabalho que confunde trabalho e emprego, que não valoriza o trabalho "invisível" desempenhado principalmente pelas mulheres no domínio do privado e que desencoraja, cada vez mais, o trabalho realizado por homens e mulheres em regime de voluntariado?

Por que não tornar social e economicamente válido o trabalho desenvolvido nos cuidados com os desprotegidos, as crianças e os mais velhos?

Por que não procurar uma nova relação com o trabalho, articulada com os interesses, as necessidades e os desejos das mulheres e dos homens, aberta à iniciativa e à criatividade e que nos devolva o nosso próprio tempo?

É indispensável um novo entendimento de trabalho que não ignore a convulsão social que vivemos.

Será realmente possível a conciliação sem uma mudança radical da organização da vida familiar e da organização do trabalho?

Quantos e quantas de nós já só imaginamos intimamente soluções para o nosso dia a dia e não arriscamos, em conjunto, tornar possíveis os nossos sonhos?

AS MUDANÇAS ACONTECEM POR DECISÃO DAS INSTÂNCIAS DO PODER E PELA FORÇA DO QUERER DAS MULHERES E DOS HOMENS.